

As representações da resiliência feminina na trajetória da cacica Taína na obra *Anacaona: La Última Princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas

*Representations of the female resilience in the trajectory of the Cacica Taína in the work
Anacaona: La Última Princesa del Caribe (2017), by Jordi Díez Rojas*

Tatiane Cristina Becher*
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil

Beatrice Uber**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil

Pamera Francieli Corrêa Pereira***
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil

Resumo: A obra *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas (2017), aborda a temática de uma mulher cacica de uma comunidade taína, no final do século XV e início do século XVI, na região de Guanahaní – ilha batizada por Cristóvão Colombo como *La Española*, em 1492 –, território que atualmente abriga as nações do Haiti e da República Dominicana. Essa personagem de liderança feminina, Anacaona, destaca-se por seus intentos pacificadores, mas, também, destemidos, para não ser subordinada pelo ideal de colonização europeia, especialmente o espanhol. Objetivamos evidenciar como essa personagem não se dobra ao dizer masculino, revelando, assim, sua resiliência. Deste modo, nosso artigo empreende uma análise sobre o lugar da mulher que resiste à subjugação do feminino pelo masculino, mediante as condições do povo indígena dizimado de sua territorialidade, identidade e dignidade humana, devido à colonização. Anacaona protagoniza a mulher indígena na sua força e destemida liderança, em um romance que aborda tanto a luta e a resistência da mulher quanto a aflição do indígena ao ser duramente colonizado. Para respaldar nossa análise, contamos com os pressupostos teóricos de Dussel (1977), Federici (2017), Mignolo (2017), entre outros. Constatamos que sua reconstrução ficcional na obra de Rojas (2017) intenta combater, a partir da literatura, a visão unívoca da historiografia tradicional registrada pelos colonizadores europeus e reconstruir a imagem de Anacaona como a líder resiliente que ela foi.

Palavras-chave: Anacaona. Descolonização. Resiliência feminina. Jordi Díez Rojas.

Abstract: The literary work *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), by Jordi Díez Rojas (2017), addresses the theme of a chieftain woman from a Taína community, at the end of the 15th century and the beginning of the 16th century, in the region of Guanahaní – island named *La Española* by Christopher Columbus in 1492 –, territory that currently houses the nations of Haiti and the Dominican Republic. This female leader character, Anacaona, stands out for her pacifying attempts, but also fearless, for not being subordinated by the ideal of European colonization, especially the Spanish one. We aim to show how this character does not bend to the masculine figure, thus revealing her resilience. In this way, our article undertakes an analysis of the place of the woman who resists the subjugation of the feminine by the masculine, through the conditions of the indigenous people decimated of their territoriality, identity and human dignity, due to colonization. Anacaona stars the indigenous woman in her strength and fearless leadership, in a novel that addresses both the struggle and resistance of women and the affliction of the indigenous when being harshly colonized. To support our analysis, we rely on the theoretical assumptions of Dussel (1977), Federici (2017), Mignolo (2017), among others. We note that her fictional reconstruction in the literary work of Rojas (2017) attempts to combat, through literature, the univocal vision of

* Mestra e Doutoranda em Letras pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Cascavel – PR, Brasil. Membro do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: taati.becher@gmail.com.

** Mestra e Doutora em Letras pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Cascavel – PR, Brasil. com Membro do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: bea_uber@hotmail.com.

*** Mestra e Doutoranda em Letras pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Cascavel – PR, Brasil. E-mail: pamerapr@hotmail.com.

traditional historiography recorded by European colonizers and to reconstruct the image of Anacaona as the resilient leader she was.

Keywords: Anacaona. Decolonization. Female resilience. Jordi Díez Rojas.

INTRODUÇÃO

Uma das poucas figuras históricas femininas representativas de liderança e enfrentamento perante a colonização europeia na América é a cacica taína Anacaona, uma nativa aborígene que foi enforcada e teve grande parte de sua comunidade dizimada pelos exploradores espanhóis, em 1503. O contingente de exploradores praticamente exterminou a população nativa da ilha de Guanahani, batizada por Cristóvão Colombo como *La Española*, em 1492 – território que atualmente abriga as nações do Haiti e da República Dominicana –, em expedições que garantiram o domínio desse território para a coroa espanhola durante o processo de colonização da América, iniciado em 1492, quando Cristóvão Colombo aportou, pela primeira vez, nessa ilha em sua tentativa pioneira de chegar às Índias pela via Oeste. A pesquisadora Catharina V. de Vallejo (2015) afirma que

[...] a la muerte de su hermano (suceso del que no se tiene detalles), Anacaona, ya cacica de Maguana por la muerte de Caonabo, también llega a ser cacica de Xaragua – otro gran evento de su vida, sin duda, aunque tampoco quedan fuentes documentales de ello¹. (VALLEJO, 2015, p. 24).

A obra *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas (2017), apresenta uma reconstrução ficcional da imagem da cacica taína, personagem estabelecida, nesse romance, em torno de algumas características principais: sua atitude de liderança, sua serenidade e, principalmente, sua beleza, o que, por vezes, ao longo da diegese, representa uma objetificação de seu corpo perante as personagens masculinas. Ela acaba sendo, inclusive, sexualmente abusada por uma das personagens dos colonizadores, que cobiça seu corpo desde o primeiro momento em que a vê.

Essa representação ficcional não difere das palavras de Federici (2017, p. 378) sobre os relatos do que aconteceu na colonização da América: “Na fantasia europeia, a América em si era uma mulher nua, sensualmente reclinada em sua rede, que convidava o estrangeiro branco a se aproximar.” A autora afirma, ainda, que “[e]m certos momentos, eram os próprios homens ‘índios’ que entregavam suas parentes aos sacerdotes ou aos *encomenderos* em troca de alguma recompensa econômica ou de cargo público.” (Federici, 2017, p. 378). As vozes femininas silenciadas ao longo da história, como a de Anacaona, representam a persistência dessa luta contra o controle exercido sobre os corpos das mulheres, que perpassa séculos e gerações e perdura até os dias atuais.

Apresentamos, neste artigo, reflexões sobre o papel dessa mulher na história da América Latina, com base em estudos relacionados ao decolonialismo e ao feminismo, a partir de teóricos como Dussel (1977), Federici (2017), Mignolo (2017), entre outros.

AS RESSIGNIFICAÇÕES LITERÁRIAS DE RESISTÊNCIA E EMBATE DA TRAJETÓRIA DA CACICA TAÍNA ANACAONA

O romance histórico *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas, reconstrói, ficcionalmente, a história de Anacaona, de sua tribo taína, de seu marido Caonabó e dos embates desses nativos americanos perante a colonização espanhola liderada por Cristóvão

¹ Nossa tradução: Com a morte de seu irmão (fato sobre qual não temos detalhes), Anacaona, já chefe de Maguana pela morte de Caonabó, torna-se também chefe de Xaraguá – outro grande acontecimento de sua vida, sem dúvida, embora não haja fontes documentais sobre ele. (VALLEJO, 2015, p. 24).

Colombo. A obra de Rojas é composta por 47 capítulos, nos quais a voz enunciativa do discurso se alterna entre os capítulos. A narrativa se inicia pelo relato do regresso da personagem Frei Ramón Paner – de extração histórica – à Espanha. Esse foi um frade catalão, da Ordem de São Jerônimo, que acompanhou Cristóvão Colombo em sua segunda viagem à ilha *La Española*, em 1494, com a tarefa de compilar as crenças e os costumes dos povos indígenas do lugar. Dussel (1942) refere-se à dominação pela religião na colonização da América – dada pela imposição do cristianismo aos nativos americanos e da qual os frades, como o Frei Ramón Paner, eram encarregados pela monarquia – como uma “conquista espiritual”, por meio da qual os europeus exerciam domínio sobre o imaginário dos nativos, anteriormente conquistados pela violência das armas dos colonizadores.

Os dois primeiros capítulos marcam o tempo presente ou o tempo primeiro da enunciação, quando, no relato ficcional, a personagem frei Ramón Paner regressa ao Monastério de San Jerónimo de la Murtra, na Espanha, em 1519. Nessa ambientação, ele confessa seus pecados, deixa os seus escritos e morre. Esse tempo primeiro da enunciação é narrado no nível extradiegético, pela voz heterodiegética do Frei Ramón Paner, ou seja, uma voz narrativa que não participa da história contada como uma personagem e narra as ações que compõem a diegese, portanto, em terceira pessoa. Esse eixo narrativo apresenta focalização zero, a partir da qual a voz narrativa compartilha os sentimentos e os pensamentos das personagens sobre as quais narra, de acordo com os preceitos de Genette (2007)².

A partir do capítulo seguinte, a enunciação da personagem Frei Ramón, que demarca um tempo ulterior, enunciado a partir da leitura dos escritos que ele deixou aos cuidados de seu colega, os eixos narrativos passam a se alternar entre duas vozes narrativas: um desses eixos é narrado por uma voz heterodiegética, no nível extradiegético – segundo as definições de Genette (2007) –, ou seja, uma voz narrativa que não participa da história contada como uma personagem e que narra as ações do relato, portanto, em terceira pessoa – e o outro eixo narrativo, como já explicamos, é aquele que contempla a expressão da voz autodiegética do frei Ramón Paner.

Nos meados da diegese, quando Caonabó, cacique de Maguana, vai até o reino de Xaraguá e conhece Anacaona, a beleza da cacica é, mais uma vez, exaltada, de maneira a encantar o cacique: “*Caonabó se reprochó de inmediato haber caído de esa forma ante los encantos de la princesa y trató, sin éxito, de contestar. Sus ojos no podían dejar de recorrer su cuerpo con mucho más interés del que intentaba demostrar*”³. (ROJAS, 2017, p. 74).

Na sequência desse relato, Caonabó e seus guerreiros avistam a chegada da caravela espanhola à ilha Guanahani/“*La Española*”: “*Una especie de gran canoa entraba por la boca de la bahía ayudada por la corriente. [...] Los veinte hombres se estremecían al ver aquella bestia gigantesca que violaba la bahía ante sus propios ojos*”⁴. (ROJAS, 2017, p. 80). Os caciques dos diferentes reinos da ilha – Higuey, Maguana, Marién, Xaragua e Maguá – reuniram-se, então, para ouvir de Caonabó sobre a chegada dessa grande canoa: “*– Hace unos meses, cuando el gran Boechío celebró la ceremonia de la edad fértil de la hermosa Anacaona, el bohique Hativex me advertió, antes de retirarse al mundo de los espíritus, que un mal peor*

² De acordo com Genette (2007), dentro da dimensão do modo da narrativa, a perspectiva – ou seja, o ponto de vista da narrativa – pode apresentar três diferentes tipos de focalização: a) focalização zero, na qual o narrador tem conhecimento dos sentimentos e pensamentos das personagens; b) focalização externa, quando o narrador não dispõe do conhecimento sobre os sentimentos das personagens; c) focalização interna, na qual o narrador apresenta-se como uma das personagens. A focalização interna pode ser: fixa, que dificilmente abandona seu ponto de vista; variável, na qual diferentes personagens assumem o papel de narrador ao longo do texto; ou, ainda, múltipla, quando um mesmo acontecimento é narrado por diferentes personagens.

³ Nossa tradução: Caonabó imediatamente censurou-se por ter caído assim diante dos encantos da princesa e tentou, sem sucesso, responder. Seus olhos não podiam deixar de percorrer seu corpo com muito mais interesse do que tentava demonstrar. (ROJAS, 2017, p. 74).

⁴ Nossa tradução: Uma espécie de grande canoa entrou na foz da baía, ajudada pela correnteza. [...] Os vinte homens estremeceram quando viram aquela besta gigantesca que cortava a Bahia diante de seus próprios olhos. (ROJAS, 2017, p. 80).

*que el de Juracán sobrevolaría nuestras vidas*⁵.” (ROJAS, 2017, p. 89). Nessa fala, Caonabó compara o reino do mal, que estava por começar, com a destruição que um furacão havia causado na ilha em que seu povo vivia, algum tempo antes da chegada dos espanhóis. Assim como o furacão, os desastres trazidos pelos colonizadores fugiriam do controle dos guerreiros tainos, que tentavam proteger seu lar e seu povo.

Guacanagarí, rei de Marién, torna-se aliado dos castelhanos e fica encarregado de protegê-los durante o regresso de Colombo à Espanha. Guacanagarí explica aos outros reis da ilha: “*–¡Los hombres de la gran canoa se llaman ‘castellanos’ – dijo con dificultad –, su rey, ‘almirante Colón’, y nos entregarán todo el latón que queramos a cambio de guanín.*”⁶” (ROJAS, 2017, p. 92). O termo “guanín”, da língua taina, refere-se a um tipo de ouro que era encontrado no território americano.

Enquanto Guacanagarí deseja ajudar os castelhanos, Caonabó não confia na índole desses estrangeiros. Sobre sua desconfiança, Anacaona indaga-o sobre a possibilidade de ouvir o julgamento de Guacanagarí:

– Gran Caonabó, ¿no habéis pensado ni por un momento que quizá Guacanagarí tenga razón y que esos hombres no sean los enemigos que decís, sino un pueblo amigo con quien crecer de la mano? Vos mismo afirmasteis que al verlos llegar os escondisteis y les atacasteis – se acercó Anacaona.” (ROJAS, 2017, p. 94).

Vemos, aqui, um exemplo da configuração discursiva da personagem Anacaona com base em sua virtude de pacificadora. Atributos de prudência e cautela são, dessa maneira, integrados à figuração da nativa no romance. A tessitura romanesca não faz distinção entre a opinião masculina de dois líderes autóctones e a intervenção questionadora da personagem feminina, esposa de um deles, produzindo, no leitor, a ideia de valorização da opinião feminina nesse contexto sócio-histórico.

Quando Colombo regressa à Espanha, em janeiro de 1493, e deixa seus homens na ilha de Guanahani, os conflitos entre nativos e exploradores têm início. Segundo expõe a voz narrativa, “*todo había cambiado desde que la nave del almirante Colón desapareciera tras el horizonte en su despedida; entonces, aquellos hombres amables y educados se transformaron en poco menos que animales*”⁸.” (ROJAS, 2017, p. 100).

Na sequência das ações relatadas, os invasores espanhóis vão em busca de Caonabó para capturá-lo, pois ele representava uma das figuras de combate às ações colonialistas dos exploradores. Nessa situação, o fidalgo Alonso de Ojeda conheceu Anacaona e seu desejo carnal pela nativa foi despertado, ainda que soubesse que ela estava casada com Caonabó e grávida do cacique. Ojeda chega, inclusive, a tocar no corpo de Anacaona e, neste momento, Caonabó aparece e dá um chute em Ojeda:

Entonces posó su mano sobre uno de los pechos de la india, y un gemido escapose de la garganta poseída del hidalgo. Dejó la espada y cogió el otro pecho en un bramido denso y grave mientras hacía arrumacos para levantarla del asiento. Miré a su hermano, Boechío, que había pintado su rostro una profunda decepción, y en aquel momento, sin que nadie viera de

⁵ Nossa tradução: Há alguns meses, quando o grande Boechío celebrou a cerimônia da idade fértil da bela Anacaona, o bohéique Hativex avisou-me, antes de se retirar para o mundo dos espíritos, que um mal pior que o do furacão sobrevoaria a nossas vidas. (ROJAS, 2017, p. 89).

⁶ Nossa tradução: – Os homens da grande canoa chamam-se ‘castelhanos’ – disse com dificuldade –, seu rei, ‘almirante Colombo’, e eles nos darão todo o bronze que queremos em troca de guanín. (ROJAS, 2017, p. 92).

⁷ Nossa tradução: – Grande Caonabó, você não pensou por um momento que, talvez, Guacanagarí tenha razão e que esses homens não são os inimigos que você diz, mas um povo amigo com o qual crescer de mãos dadas? Você mesmo afirmou que quando os viu chegar escondeu-se e os atacou – Anacaona aproximou-se. (ROJAS, 2017, p. 94).

⁸ Nossa tradução: Tudo havia mudado desde que o navio do almirante Colombo desaparecera no horizonte em sua despedida; então, esses homens bondosos e educados transformaram-se em pouco menos que animais. (ROJAS, 2017, p. 100).

*dónde apareciera, una patada en los lomos del bidalgo estrellolo contra el suelo a varios pasos, haciendo que cambiara el gemido de placer por otro de dolor tan intenso que mantúvolo aullando por varios segundos*⁹. (ROJAS, 2017, p. 245).

Assim como a descrição desse primeiro contato entre Ojeda e Anacaona, o desejo do fidalgo pelo corpo da nativa cresce ao longo da narrativa, até o momento em que ele consegue estuprá-la. Essa cena é, ficcionalmente, construída de forma a ressaltar seus ímpetus instintivos de desejo masculino, que almeja o prazer sexual, independente da dor que causa ao outro – neste caso, a dor que causa a uma mulher. Essa representação ficcional remete à exploração física que a mulher nativa americana, de fato, sofreu perante a invasão colonizadora. Dussel (1977) dialoga sobre a “erótica simbólica” latino-americana, relação na qual o sujeito europeu “conquistador”, possuidor do poder, é um sujeito masculino e expressa sua varonilidade opressora para dominar a mulher, a qual era, em certos casos, praticamente igualada a uma “coisa”. Nas palavras de Dussel (1977),

*[...] esta era la erótica amerindiana, un orden o Totalidad establecida y estableciéndose a partir de una milenaria tradición. Sobre ella cae como ave de presa el “yo conquisto”, con carabelas y armas de hierro y fuego, con devoradores perros y lujuria largamente retenida (ya que el conquistador venía solo, sin mujer hispánica) [...]. El varón hispánico mata al varón indio o lo reduce a su servidumbre por la encomienda, la mita, etc.; la mujer del indio pasa al “servicio personal” o al simple amancebamiento (concubinato adulterino) con el conquistador [...]*¹⁰. (DUSSEL, 1977, p. 53).

À mulher era estabelecida uma relação de dominação pelo homem, na qual ela, também como um “outro” aos olhos do sujeito masculino, deveria servi-lo e era passível de ser comercializada, reduzida a uma mercadoria e passada de um “dono” a outro, o que representa a objetificação do feminino. À mulher, enquanto “mercadoria”, eram atribuídos os atributos de beleza, simpatia e companheirismo, as quais faziam dela uma utilidade ao homem “solitário” do “Novo Mundo”.

Tal dominação ultrapassa o aspecto físico e invade a representatividade dessas mulheres/mercadorias/objetos/servas nos registros da história, uma vez que dispomos de descrições sobre o feminino nos escritos dos homens conquistadores. Os relatos de Cristóvão Colombo, por exemplo, enfatizam a nudez do povo que encontrou em Guanahani/“La Española”, – “Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mujeres [...]”¹¹ (VARELA, 1997, p. 110) – e a primeira referência ocidental sobre a mulher brasileira, nos registros de Pero Vaz de Caminha, registra a atenção do olhar do colonizador europeu com relação ao corpo feminino desnudo:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. (CAMINHA, [1500] 2019, p. 27).

⁹ Nossa tradução: Então ele colocou a mão em um dos seios da índia, e um gemido escapou da garganta possuída do fidalgo. Ele largou a espada e segurou o outro seio em um berro profundo e baixo enquanto tentava levantá-la. Olhei para seu irmão, Bohechio, que demonstrava uma expressão de profunda decepção, e, nesse momento, sem que ninguém visse de onde surgiu, um chute na virilha do fidalgo que o jogou no chão a vários passos de distância, fazendo com que o gemido mudasse de prazer por outro de dor tão intensa que o fez uivar por vários segundos. (ROJAS, 2017, p. 245).

¹⁰ Nossa tradução: [...] esta era a erótica ameríndia, uma ordem ou Totalidade estabelecida e se estabelecendo a partir de uma tradição milenar. O “eu conquisto” cai sobre ela como uma ave de rapina, com caravelas e armas de ferro e fogo, com cães devoradores e com a luxúria há muito reprimida (já que o conquistador veio sozinho, sem mulher hispânica) [...]. O homem hispânico mata o homem indígena ou o reduz à servidão por meio da “encomenda”, da mita, etc.; a mulher do índio vai para o “serviço pessoal” ou para a simples coabitação (concubinato adúltero) com o conquistador. (DUSSEL, 1977, p. 53).

¹¹ Nossa tradução: Eles andam todos nus como sua mãe os pariu, e também, as mulheres [...]. (VARELA, 1997, p. 110).

Porém, no prisma discursivo de Dussel (1977, p. 54), “*difíciles de encontrar son, sin embargo, las descripciones del varón hechas por una mujer*¹².” A visibilidade erótica do corpo recaí sobre a figura feminina, que sempre se nota mais exposta em relação à masculina, que aparenta manter uma postura de decência.

Na continuação da diegese, o cacique Caonabó é capturado e levado como prisioneiro em uma nau para a Espanha, viagem na qual acaba morrendo enquanto cativo, conforme nos é informado ao longo da diegese. Alguns anos depois, o frei Ramón Paner narra, em primeira pessoa, no capítulo “*Índias, La Isabela, mes de mayo del año del nacimiento de Nuestro Salvador Jesucristo de mil cuatrocientos noventa e cinco*¹³” (ROJAS, 2017, p. 348), sua jornada com o fidalgo Alonso de Ojeda, em uma comitiva que “*pasaba por entre los pueblos de los indios exigiendo el pago impuesto por el virrey, y ejecutando sin piedad a aquellos que osaban plantar cara o no portaban la medalla de chapa que acreditábalos como acreedores del pago*¹⁴.” (ROJAS, 2017, p. 351). Antes de partir, o fidalgo conta ao frei que iriam até Xaraguá para “*buscar ela*”, e Paner sabia que ele se referia à esposa de Caonabó. Ao chegar no território de Anacaona, o fidalgo ordena a seus homens que começassem a disparar em seu povo, agarra a autóctone e a leva a cavalo para longe. Quando Paner encontra Huarín, seu pequeno amigo indígena, é levado por este até o lugar onde Ojeda

[...] *cabalgaba sobre la india Anacaona con una mano en su cuello y otra recorriendo con violencia todas las carnes de su cuerpo. Huarín señalolo para que fuera a apartar al hidalgo del cuerpo con el que había soñado hasta la enfermedad desde la primera vez que viola, y a fe de mi propia vida, os doy palabra de que armeme de valor e hice caso del niño, y acerqueme con la cruz alzada*¹⁵. (ROJAS, 2017, p. 354).

Essa cena em que Alonso de Ojeda viola Anacaona sexualmente é, também, uma maneira de a literatura nos apresentar outra possibilidade à história dessa autóctone, da qual pouco sabemos, por meio do discurso de terceiros. Ainda que não haja registro dessa violação, é possível que ela tenha ocorrido, como, de fato, aconteceu com muitas “indígenas” violentadas pelos colonizadores europeus, como Dussel (1977) pontua sobre as relações estabelecidas entre nativas americanas e europeus.

No capítulo intitulado, “*Isla de La Hispaniola, Marolís, finales del año del nacimiento de Nuestro Salvador Jesucristo de mil quinientos dos*¹⁶” (ROJAS, 2017, p. 359), alguns anos depois, o frei Ramón Paner está vivendo no reino de Marolís, entre os nativos, quando recebe a notícia de que havia um novo governador de *La Española* – Nicolás de Ovando, o qual comunica suas pretensões ao frei Ramón Paner para resolver a situação com Anacaona, a única cacica que ainda se recusava a pagar os tributos que demandavam, como vemos em suas palavras:

La india Anacaona es la única cacica de los indios, tras la caída de los rebeldes de Higüey, que niegase a reconocer nuestra autoridad organizando rebeliones, emboscadas, y negándose a pagar los tributos exigidos por la corona. [...] – Hemos pensado – dijo su señoría don Nicolás de Ovando obviando lo soez – que un gesto de buenas intenciones con los indios

¹² Nossa tradução: São difíceis de encontrar, no entanto, descrições do homem feitas por uma mulher. (DUSSEL, 1977, p. 54).

¹³ Nossa tradução: Índias, La Isabela, mês de maio do ano do nascimento de Nosso Salvador Jesus Cristo mil quatrocentos e noventa e cinco. (ROJAS, 2017, p. 348).

¹⁴ Nossa tradução: [...] percorria as cidades dos nativos exigindo o pagamento imposto pelo vice-rei e executando, impiedosamente, aqueles que ousassem se levantar ou não levassem a medalha de metal que os credenciava como credores do pagamento. (ROJAS, 2017, p. 351).

¹⁵ Nossa tradução: [...] cavalgava sobre a índia Anacaona com uma mão em seu pescoço e a outra percorrendo violentamente toda a carne de seu corpo. Huarín apontou-o para que separasse o fidalgo do corpo com o qual havia sonhado até à loucura desde a primeira vez que a estuprou, e por fé em minha própria vida, dou-lhes minha palavra de que tomei coragem e ouvi o menino, e me aproximei com a cruz levantada. (ROJAS, 2017, p. 354).

¹⁶ Nossa tradução: Ilha de Hispaniola, Marolís, final do ano do nascimento de Nosso Salvador Jesus Cristo de mil quinientos e dois. (ROJAS, 2017, p. 359).

*valdrianos su reconocimiento y pondría fin a las rebeliones dellos, y quién mejor que un viejo conocido de la india como vos para tender ese puente*¹⁷. (ROJAS, 2017, p. 369-370).

A personagem masculina Ovando, então, na sequência do relato, envia Paner, junto ao capitão Juan de Esquivel, o estremenho Dom Francisco Pizarro e o frei Bartolomeu de Las Casas, sendo que este último conhecia, assim como Paner, a língua dos nativos, pois seu pai, Pedro de Las Casas, havia lhe presenteado com alguns nativos capturados em Guanahani/“La Española” e levados até Castela. Ramón Paner parte, dessa maneira, com esse grupo, para as terras onde Anacaona reina. Levaram, então, a mensagem de Nicolás de Ovando à cacica, com o auxílio dos freis Paner e Las Casas como tradutores, questionando sua recusa a cumprir com os tributos impostos pelas suas majestades Dom Fernando de Aragão e Dona Isabel de Castela. Anacaona pede que Ovando vá até seu reino, para que estabeleçam um acordo sobre tais demandas. Paner e Las Casas são convidados pela líder taína a ficarem em sua comunidade até a chegada de Ovando e aceitam o convite.

Durante sua hospedagem nas terras de Anacaona, Paner passa a admirar ainda mais a cacica, conforme vemos em suas palavras após um comentário da autóctone sobre o ódio que cresce em uma terra em que sangue foi derramado:

– La rabia se alimenta de nuestro dolor. No merece la pena seguir luchando toda la vida, matar no es digno ni siquiera para defenderse, y la tierra que se riega con sangre se marchita mientras los espíritus de nuestros antepasados se retuercen de dolor. Solo el odio crece en tierra ensangrentada, bohíque.

*No atrevíme a decir una sola palabra que estuviera a la altura de las de Anacaona, mujer prudente y entendida, amén de portadora duna hermosura que todavía hacía temblar las palabras en boca del sevillano y que hacía me voltear la vista cuando hablaba con ella para no fijarla en las redondeces de su cuerpo*¹⁸. (ROJAS, 2017, p. 392-393).

Ao longo do romance de Rojas (2017), vemos essa ideologização construída em torno da personagem de Anacaona, da mulher pacificadora, sábia e de inigualável beleza, que se faz aparente no excerto apresentado, pelas próprias palavras da personagem, que intentam estabelecer a paz, evitar confrontos e mortes que só trazem sofrimento, e pelas palavras do frei, que não considera qualquer resposta sua à altura das palavras de Anacaona e enfatiza a beleza da autóctone, referindo-se, especificamente, à beleza de seu corpo. Vallejo (2015) aponta que essas são algumas das ideologizações criadas em torno da figura quase desconhecida de Anacaona, pelos escassos escritos dos cronistas do século XVI que a mencionam, os quais “*al atribuir diferentes valores, motivaciones y evaluaciones a las acciones de Anacaona, construyen un personaje diferente, y también dan inicio (fundamentan) al proceso de ideologización – a veces en términos de oposición binaria – de esa vida [...]*”¹⁹. (VALLEJO, 2015, p. 32).

O governador Nicolás de Ovando chega, então, com seus homens, às terras de Anacaona, a qual os recebe com banquetes, apresentações de dança e de areítos²⁰. Ovando diz que, também,

¹⁷ Nossa tradução: A índia Anacaona é a única cacica dos índios, após a queda dos rebeldes de Higüey, que se recusa a reconhecer nossa autoridade organizando rebeliões, emboscadas e recusando-se a pagar os impostos exigidos pela coroa. [...] – Pensamos – disse Sua Senhoria Dom Nicolás de Ovando, ignorando a grosseria – que um gesto de boas intenções com os índios valeria o seu reconhecimento e poria fim às suas rebeliões, e quem melhor que um velho conhecido da índia como você para construir essa ponte. (ROJAS, 2017, p. 369-370).

¹⁸ Nossa tradução: A raiva se alimenta da nossa dor. Não vale a pena lutar a vida inteira, matar não vale nem para se defender, e a terra que é regada de sangue murcha enquanto os espíritos de nossos ancestrais se contorcem de dor. Só o ódio cresce no chão sangrento, bohíque. Não ousei dizer uma única palavra que cabia às de Anacaona, mulher prudente e sábia, além de portadora de beleza que ainda fazia as palavras tremerem na boca do sevillano e que me fazia virar os olhos quando falava para ela para não olhar para ela nas curvas do seu corpo. (ROJAS, 2017, p. 392-393).

¹⁹ Nossa tradução: [...] ao atribuir diferentes valores, motivações e avaliações às ações de Anacaona, constroem um caráter diferente, e, também, iniciam (fundamentam) o processo de ideologização – às vezes em termos de oposição binária – dessa vida [...]. (VALLEJO, 2015, p. 32).

²⁰ *Areíto: Baile, celebración tradicional en que se cantaba y se recitaban historias y poemas.* (ROJAS, 2017, p. 423). [Nossa tradução: Baile, festa tradicional em que histórias e poemas eram cantados e recitados. (ROJAS, 2017, p. 423).]

havia preparado um jogo de lanças, como o chamavam em Castela, para a recepção de Anacaona. Para performá-lo, Ovando diz à cacica que seria necessário que estivessem em algum lugar fechado, para que todos vissem o jogo sem qualquer perigo. Anacaona prepara, então, o maior caney do povoado. Quando todos entraram, os homens de Ovando começaram o massacre ateando fogo ao caney.

En unos segundos, un humo intenso negro como la muerte elevóse al cielo de Yaguana envuelto en gritos de terror infinitos. La cabaña, que parecía que iba a deshacerse de la presión de los que en ella hacinábanse, era pasto de las llamas y de los tiros de flechas de los arqueros y ballesteros que el gobernador había dispuesto a su alrededor. [...] Vi cómo los cuerpos ennegrecidos que salían por los huecos que el fuego dejaba eran masacrados por flechas, y vi cómo la vida consumíase en los pocos minutos que duró el exterminio²¹. (ROJAS, 2017, p. 406-407).

A ficção de Rojas (2017) propõe uma releitura do evento sobre o qual temos poucas referências na historiografia tradicional hegemônica europeia, como o relato de Gayangos ([1866] 2019, p. xi) à “guerra que contra Anacaona, reina viuda de Haití dirigía a la sazón Diego Velázquez²²”, Gayangos ([1866] 2019, p. xi), e a alusão de Las Casas, anteriormente apresentada, ao massacre dos taínos presos em uma grande cabana na qual atearam fogo, assim como na ficção de Rojas (2017). Nessa releitura da história da líder taína, o ataque é descrito como um “extermínio” que, em poucos minutos, dizimou, com fogo e por flechadas, toda sua comunidade.

Um dos únicos registros encontrados que descreve o massacre de Jaraguá é o relato de Las Casas (1474/1484-1566), frade dominicano espanhol, considerado um defensor dos índios. Las Casas veio a Guanahaní/“La Española” em uma expedição de Nicolás de Ovando, em 1502. Após vivenciar as atrocidades cometidas pelos conquistadores espanhóis ao povo nativo, decidiu lutar pela defesa desses autóctones que estavam sendo dizimados em suas próprias terras.

Segundo o relato de Las Casas, em Torrejón ([1552] 2011), quando estabelecidas as colônias espanholas no território da Ilha, o governador, Nicolas Ovando, que fora designado pela corte para governar esta região, dizimou a comunidade chefiada por Anacaona. No relato do frei, lemos:

Aquí llegó una vez el gobernador que gobernaba esta isla con sesenta de caballo y más treientos peones, que los de caballo solos bastaban para asolar a toda la isla y la tierra firme, y llegó más de treientos señores a su llamado, seguros, de los cuales hizo meter dentro de una casa de paja muy grande los más señores por engaño, y metidos les mandó poner fuego y los quemaron vivos. A todos los otros alancearon y metieron a espada con infinita gente, y a la señora Anacaona, por hacelle honra, aboraron²³. (TORREJÓN, [1552] 2011, p. 28).

De acordo com o registro do frei, durante o sangrento episódio, alguns cristãos tentavam proteger as crianças, colocando-as nas ancas dos cavalos, mas os espanhóis as atingiam pelas costas com lanças e, depois de caídas ao chão, cortavam-lhes as pernas com uma espada. Alguns nativos que conseguiram fugir dessa desumana crueldade chegaram a uma pequena ilha próxima; o governador, porém, condenou à escravidão todos estes que tentaram fugir.

²¹ Nossa tradução: Em poucos segundos, uma intensa fumaça negra como a morte subiu ao céu de Xaguará, envolta em infinitos gritos de terror. A cabana, que parecia que ia explodir da pressão dos que nela se amontoavam, era alimentada pelas chamas e pelas flechas dos arqueiros e atiradores que o governador havia colocado em volta dela. [...] Vi como os corpos enegrecidos, que saíam pelas brechas deixadas pelo fogo, foram massacrados por flechas, e vi como a vida foi consumida nos poucos minutos que durou o extermínio. (ROJAS, 2017, p. 406-407).

²² Nossa tradução: [...] guerra que Diego Velázquez liderava, no momento, contra Anacaona, rainha viúva do Haiti. (GAYANGOS, 1866 [2019], p. xi).

²³ Nossa tradução: Certa vez, aqui chegou o governador que governava esta ilha, com sessenta cavaleiros e mais trezentos peões, sendo que apenas os que estavam a cavalo bastavam para destruir toda a ilha e o continente, e mais de trezentos chefes vieram ao seu chamado, seguros, os quais ele mandou colocar a maioria dentro de uma casa de palha muito grande por engano e, quando eles entraram, ordenou que atessem fogo e os queimassem vivos. A todos os outros alancearam e mataram muita gente com a espada, e a chefe Anacaona, para honrá-la, enforcaram. (TORREJÓN, [1552] 2011, p. 28).

Assim como Las Casas descreve que Anacaona foi enforcada, Rojas (2017) também retrata, ficcionalmente, em seu romance, o enforcamento da cacica, conforme lemos abaixo:

Miré a los ojos de Anacaona. Ya estaban muertos mucho antes de que aquel animal diérase un empujón y dejárala colgando ante la vista depravada de los cristianos que cociamonos al sol, y que vitoreaban cada movimiento pendular de Anacaona. No tardó su cuerpo en acompañar a su alma muerta, como la mía, sin más posibilidad de salvación que aguantar un par de sacudidas más antes de que su corazón dejara de latir²⁴. (ROJAS, 2017, p. 418).

A personagem feminina Anacaona atua na contramão de inúmeras personagens femininas que se submeteram aos mandos daqueles que foram considerados colonizadores europeus. Com enorme sagacidade, ela mantém sua postura de mulher forte que não se deixa abalar pelo dizer masculino. Assim, ela consegue atribuir valor diferenciado não apenas para as mulheres “índigenas”, mas, também, para as outras que foram subjugadas pelo ideal colonizador branco cristão europeu, fossem elas brancas, negras ou mestiças. Sua imagem retratada transmite a ideia de que descolonizar faz-se necessário para que muitas outras personagens femininas também tenham seu espaço retirado do esquecimento e reinserido na memória de seu povo.

COMENTÁRIOS FINAIS

A criticidade do romance de Rojas (2017) possibilita reinstaurar, no imaginário de seus leitores, a importância de figuras como Anacaona na história da América, por ter sido uma representação de poder, resistência e liderança feminina, que foi majoritariamente excluída e manipulada nos registros oficializados sobre a história americana. Segundo Vallejo (2015, p. 30), “*las creaciones literarias en torno de Anacaona nos presentan con mucho más ‘hecho’ sobre su vida que los pocos datos que se tenían de los cronistas, y así las construcciones discursivas son mayores que la ‘historia’ ofrecida por las crónicas²⁵*.” É por isso que ressignificações literárias críticas como o romance de Rojas (2017) agem a favor da descolonização/decolonização do pensamento latino-americano e operam “como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados.” (MIGNOLO, 2017, p. 2).

Esse processo de desconstrução do pensamento colonizado é compreendido como necessário, pois ainda perdura na construção identitária latino-americana, decorrente dessa história tradicional unilateral perpetuada sobre a história de nosso continente, escrita univocamente por aqueles que se declararam “conquistadores” desse território. Consequentemente, quando abordamos a contribuição literária de personagens femininas que lutaram para descolonizar conceitos impostos, somos agraciados com mulheres que se tornaram sujeitos de sua história e questionadoras de desigualdades sociais e culturais.

Resistir é, para Anacaona, a única forma de pulsar. Pois, mesmo diante da objetificação da mulher indígena pelos colonizadores, das mazelas sofridas em decorrência da colonização, da brutalidade contra o povo indígena, que fora dizimado das suas terras, cultura e identidade, Anacaona representa a força da mulher bravamente obstinada em defender e lutar, por assumir uma liderança proeminente, contradizendo o estabelecido pelas sociedades.

Da assolação de um povo à valentia de uma mulher indígena, Anacaona não sucumbe à dominação colonial e transcende a dor dos abusos, dos maus-tratos e da violência decorrentes da

²⁴ Nossa tradução: Olhei nos olhos de Anacaona. Já estavam mortos muito antes de aquele animal lhe dar um empurrão e deixá-la pendurada diante da visão depravada dos cristãos que assavam ao sol e que aplaudiam cada movimento pendular de Anacaona. Não demorou muito para que seu corpo acompanhasse sua alma morta, como a minha, sem outra chance de salvação a não ser suportar mais alguns tremores antes que seu coração parasse de bater. (ROJAS, 2017, p. 418).

²⁵ Nossa tradução: [...] as criações literárias em torno de Anacaona nos apresentam muito mais “fatos” sobre sua vida do que os poucos dados disponíveis dos cronistas, e assim as construções discursivas são maiores do que a “história” oferecida pelas crônicas. (VALLEJO, 2015, p. 30).

colonização. O romance de Rojas (2027), que se revela um excelente exemplar da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, segunda a classificação de Fleck (2027), manifesta o destemor e a maestria do feminino na figura de Anacaona em resistir às intempéries da subjugação tanto do masculino sobre o feminino, quanto da exploração territorial e identitária. Anacaona é a expressão da mulher, da história e do legado indígena, no cenário cruel da colonização.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, E. *Fisología ética latinoamericana: de la erótica a la pedagógica de la liberación*. México: Editorial Edicol, 1977.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

GAYANGOS, D. P. *Cartas y relaciones de Hernán Cortés al Emperador Carlos V. 1519-1526*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2019. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0974782>. Acesso em: 12 jul. 2020.

GENETTE, G. *Discurso da Narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 2007.

MIGNOLO, W. D. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Tradução de Marco Oliveira. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abril 2022.

ROJAS, J. D. *Anacaona: la última princesa del Caribe*. Scotts Valley, California, US: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017.

VALLEJO, C. V. *Anacaona: la construcción de la cacica taína de Quisqueya: quinientos años de ideologización*. Santo Domingo: Banco Central de la República Dominicana, 2015.